

O Progresso Catholico

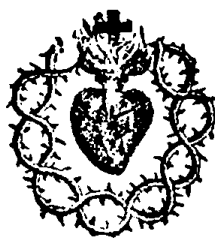
... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

AD PHILIP. 3. 12.

ID 13. 14.



A CONSAGRAÇÃO DA ARCHIDIOCESE BRACARENSE

AO

SANTISSIMO CORAÇÃO DE JESUS

IMPRESSIONADOS ainda pelo conjunto de tantas bellezas que a cidade Primacial soubera reunir para solemnisar a consagração da Archidiocese Bracarense ao SS. Coração de Jesus, sentimo-nos com o espirito tão agradavelmente preocupado, tão altamente arroubado com a recordação d'essa festa, que nos confessamos sem forças, sem arte, sem engenho para descrever o que só um povo pode fazer, quando sabe elevar-se muito alto nas azas da fé e do amor para com a Religião.

Quizeramos descrever a nossos leitores essas festas imponentissimas que marcarão uma data altamente gloriosa nos annaes do povo bracarense, e mais gloriosa ainda na do apostolado do venerando Prelado, que occupa a cadeira Archiepiscopal bracarense; mas, com o espirito embrenhado em meio de tantas maravilhas, não sabemos que fórma devemos dar ao nosso escripto, não sabemos por onde começar.

Se queremos fallar das brilhantes illuminações, do bom gosto que presidira ao ornamento das principaes ruas da cidade, occorre-nos logo a magestade do templo, a belleza como estava ornado, as harmonias da orchestra, a magestade da Pontifical, a eloquencia dos oradores sagrados, que tão de molde foram escolhidos.

Se nos assalta o desejo de descrever a alegria d'uma população toda em festa, inundando ruas e praças em ondas que se espraiam e apertam, sofregas, anhelantes, enthosiasiticas, eis que nossa vista se eleva ás janellas de todas as casas, luxuosamente ataviadas e onde se ostenta a sociedade seleta de Braga, em linhas de variagadas côres, em caprixosas ondolações de bellezas feminis alindadas mais ainda pelo sentimento grandioso que ahi as reunira, marginando a via publica por onde havia passar triumphante a imagem do Sagrado Coração de Jesus.

Mas nada d'isto podemos descrever, porque a grande, magestosa, imponente procissão pede todas as côres de que podemos dispor, requer toda a tela que temos para pintar o quadro. Descrevamos ao menos a procissão.

Mas eis-nos de novo sem rumo, boiando á mercê do nosso entusiasmo por todas as maravilhas destendidas pelas ruas de Braga.

Nossos olhos fitam-se n'um carro triumphal tirado por seis cavallos brancos, e onde se erguem em meio de nuvens de sedas e flores onze figuras representando a Egreja Bracarense, cantando hymnos festivaes; mas para logo novo quadro se desenrolla diante de nós e temos que admirar dezenas de bandeiras, sob que caminham todas as corporações religiosas, scientificas, commerciaes, artisticas e officiaes, que possui Braga, todas na melhor ordem e ostentando todas a medalha do SS. Coração de Jesus, sobre as casacas, as fardas, as opas e os habitos!

E escurses este quadro uma novena de *Virgens de São*, ostentando alvas vestes e fazendo subir até Deus os seus cantares, e logo outro grupo, outro coro formosissimo, representando o

Amor divino, e mais outro, o Esposo Celeste, e ainda outro, a Adoração Angelica. E por entre tudo isto, como a constellar aquelle ceo ondante, centenas de figuras alegoricas, rica e graciosamente vestidas, e elevando-se em meio de todo este conjunto de pompas a imagem do Sagrado Coração de Jesus, abençoando um povo curvado reverente.

Mas não é isto, não é só uma procissão que ha a descrever, ha o mais difficil, o impossivel, o que se vê, mas se não conta.

A procissão estende-se em volta de todo o campo de Sant'Anna, desde a Lapa até ao cruzeiro da Senhora A Branca. Tocam-se os dois extremos. O povo em ondas amontoa-se, aperta-se junta-se e cae de joelhos. O regimento 8, de joelhos tambem, abate as armas, e um silencio succede aos cantos alegres dos coros e ás harmonias das musicas! E' que do alto da janella da Lapa o Venerando Primaz das Hespanhas dá a benção do SS. Sacramento a todo o povo, a mais de 40 mil pessoas, que, sem exaggero se estendiam reverentes diante da Hostia Sacrosanta!

Eis a procissão que no dia 16 do corrente presenciamos em Braga e de que não podemos dar uma ideia; mas o que podemos, o que devemos fazer e o fazemos com todo o fogo da nossa alma, é levantar d'aqui um

Salve, Coração amantissimo de Jesus!

Salve, venerando Primaz das Hespanhas!

Salve, Archidiocese de Braga!

Salve, briosos e catholicos promotores de tão importante festividade!

Salve, catholico povo de Braga!

Salve! Salve!

SECÇÃO RELIGIOSA

A Paz Religiosa na Allemanha

SE não é de todo satisfatorio o estado religioso no vasto imperio allemão, nem por isso deixa de ser satisfatorio o que a Igreja tem alli alcançado.

Depois das deportações, demissões, a que esteve sujeito o Clero sob o dominio das leis de maio, o que se está passando é já um triumpho.

Os homens de ferro, os guerreiros do norte, que humilharam a França, calcando-a de um a outro extremo com o peso de seus esquadões, e fazendo-a tremer com as medonhas descargas de suas artilherias; que desarmaram Napoleão III, depois de o obrigar a deixar o throno usurpado, cumprindo assim os decretos da Providencia, porque Napoleão III foi o principal inimigo de Pio IX, e o que mais concorrera para a invasão e occupação de Roma; esses homens, dizemos, estão hoje aos pés do Papa, promettem ao Chefe da Igreja todas as regalias para o Clero e catholicos de seus estados, e abraçam, com os braços de alta diplomacia, o Vigario de Jesus Christo.

Louvemos ao Senhor, e vejamos nas boas relações da Santa Sô com a Allemanha, o alvorecer de melhores dias para o Catholicismo, e o eclipsar do sol que tem acalentado os que escalarão a Porta Pia.

Se outros dados não tivéssemos para assim o crer, o seguinte documento, que os jornaes estrangeiros teem publicado, bastaria para o affirmar. E' o discurso que Sua Santidade pronunciou ao receber os membros da Comissão catholica da Allemanha, em n.º de 12, entre os quaes se notavam 4 deputados do Centro Catholico.

Eis as palavras do Summo Pontifice:

«Um resfriado que tive na semana passada impediu-me, carissimos filhos, receber-vos ha mais tempo como ardentemente desejava. Alegro-me de vos ter agora na minha presença. Varios de vós haveis de brevemente tomar parte, como deputados que sois no parlamento da vossa patria, das deliberações da nova lei politico-ecclesiastica. Não se pôde duvidar que a nova lei é mais um passo para a paz. Devo accrescentar-vos agora que por parte do governo de Sua Magestade o Rei da Prussia, se me exprimiu o sincero desejo e o convencimento de que breve teremos uma boa, completa e duradoura paz, assentada em solidas bases.

«Não posso occultar-vos que considero muito importante a reabertura dos Seminarios, que terá logar confôrmente á nova lei, porque os Seminarios são os viveiros para a formação e educação do Clero e para a prègação da nossa fô. Buscou-se uma intelligencia com o governo a respeito das pessoas destinadas a professores dos ditos centros de educação e ensino; mas é necessario que os Bispos tenham por es-

tricto direito escripto a livre escolha d'estas pessoas.

«A reposição dos curas d'almas será indubitavelmente um dique poderosissimo contra os progressos da irreligiosidade e contra os esforços do socialismo, tão poderoso na Europa.

«Creio poder assegurar-vos que podemos encerrar o futuro com confiança. Depositae a vossa confiança na Santa Sô, que se preocupa principalissimamente com a vossa situação. Tambem o vosso augusto Soberano me assegurou que alimenta boas disposições e uma decisão energica em favor dos seus fieis subditos catholicos. N'este ponto, repito, foram-me dadas todas as seguranças pelo augusto Soberano da Prussia, e tenho provas da boa vontade do vosso governo.

«Desde o primeiro dia do meu Pontificado tenho pensado cada manhã e cada tarde na Allemanha e rogado a Deus para que lhe devolva a paz religiosa de que tanto necessita. Tenho seguido com crescente interesse o desenvolvimento das cousas publicas na vossa patria, e hei feito por ella quanto das minhas forças dependia. Não se consegue tudo d'uma vez. A lenta consecução do que desejamos funda-se depois de tudo na natureza das cousas humanas, e demais não se deve olvidar que na Allemanha não ha unidade de fê, e que o protestantismo conta com maioria no reino e com a força que lhe dá a sua posição official.

«Apesar de tudo isto não se creia que é só do interesse da Igreja chegar

à consecução da paz. E' tambem do interesse do Estado, principalmente pelo que respeita á provisão de Curatos, e a que o Catholicismo recobre, por meio de seus ministros, a sua antiga força sobre as massas populares.

«Amo muito a Allemanha, e rogo a Deus todos os dias pelo seu bem-estar. Muito me satisfaz o excellente comportamento dos catholicos allemães, que não sabido defender no parlamento, com grande valor e prudencia, os interesses do Catholicismo. Aos seus esforços se deve, em grande parte, que se haja concedido á Igreja parte da liberdade.

«Se por desgraça se originassem novas luctas, com certeza tomarieis de novo parte n'ellas com valor e constancia, mas não se deve temer que assim succeda, e dando graças a Deus por isto, devemos aceitar as melhoras que até agora se poderam obter. Breve tereis de vos decidir sobre o novo projecto. Certas reservas se tornam necessarias, conforme as circumstancias. Escutae sobre tudo o parecer dos vossos sabios caudilhos. Em todo o caso acceptae em ultimo resultado o projecto com boa vontade, porque ainda que elle não conceda á Igreja tudo o que esta necessita, concedelhe alguma coisa que não se pôde deixar de considerar como um bem.»

A Ti... oh Virgem!..

A MINHA alma sente-se abalada quando ao entrar as portas do templo depara com a tua fronte scintillante, por entre as nuvens d'incenso!... Eu sinto-me extasiada quando ao dobrar o joelho, inclinando a fronte, ouço as notas harmoniosas do órgão e os hymnos melodiosos e cheios d'encanto que vos entoam o sacerdote e os vossos filhos que vos cercam!... Eu fico delirante no meio do perfume das rosas, que se exhala inebriante em vossos altares e chega até ao vosso throno celeste!...

O meu coração, oh Virgem, o meu coração, quando fatigado dos combates da vida, chega junto de vossos pés e vos diz:

«Virgem, aqui está uma vossa filha, lança sobre ella a benção de uma Mãe carinhosa!...»

O meu coração repousa n'um socego tal que me faltam palavras para o exprimir!...

Salvè! oh mez de Maio, mez cheio de doçura! mez em que por entre as florinhas do prado a Mãe de Deus derrama graças sobre aquelles que procuram á porlia as mais bonitas flôres para lhe offerecer!...

Salvè, mez cheio de graças e benções.

N'este mez, minha Mãe, não ha tristeza, porque voltando a Ti, oh Virgem, olhares de amargura, tu deitas-nos olhos de paz e consolação!...

Quem deixará, oh Virgem, de te tributar n'este mez louvores! n'este mez em que até as avesinhas com os seus ternos gorgeios parecem dizer: é em honra da Mãe de Deus.

As flôres a cada momento parecem renascer nos jardins e em cada folha parece divisar-se — a Ti oh Virgem! que me d'estes as côres.

Quem deixará de te honrar n'este mez?!... Quem é, oh Maria!?... só o impio, só esse homem sem fé que vos não quer conhecer.

Que feliz não seria elle se n'um dia d'este mez, humilde e constricto de seus peccados chegasse a vossos pés, qual outra Magdalena aos de Jesus, e vos pedisse a graça!... Que lhe dirieis vós?!

Ah! a minha idade, é juvenil ainda, mas diz-me que vós lhe dirias:

Não temas meu filho, que como despertastes agora, a minha mão está aberta, levanta-te, crê, ora, e leva a graça que como Mãe te concedo, meu filho, eu te abenço.

Ah já não é impio, é christão: que mudança houve!? ah foi um arrependimento sincero no mez de Maria, foi um milagre operado pela Rainha dos Ceus!

Se, porém, um d'esses, que dizem: impossivel ser Maria a Mãe de Jesus, se um d'esses entrando a porta de um templo visse o vosso rosto mais brilhante que os raios do Sol, visse em vossa fronte um diadema de estrellas mais refulgentes que o brilhante mais puro, visse até a terna mariposa adejando de ramo em ramo, dos que as donzellas vos offerecem, ouvisse os hymnos melodiosos que vos entoam!...

Ah, Senhora, esse deixaria de ser protestante, e voltaria a vossos pés banhado em lagrimas implorar o perdão.

Senhora, sobre esses deitae uma fimbria de vosso manto e derramae n'elles uma scentelhasinha de luz para vos conhecer, honrar e louvar.

Derramae sobre vossos filhos olhos de terna compaixão e estendei sobre elles o vosso manto para que perseverem sempre na vossa graça!...

Desculpae, Senhora, as rudes palavras que a vós dirige esta vossa humilde serva, que nunca cessará de clamar:

Salvè! Rainha dos Ceus e consoladora dos afflictos!...

Salvè! Mãe de misericordia e de todos os peccadores, e d'esta que a vossos pés vos está pedindo a benção.

Hedwiges Christiana Elizabeth da Silva Freire

A Idéa Pagã e a Idéa Christã

UMA das causas da queda do Imperio Romano que tem o primeiro lugar, é a idéa erronea que faziam os Romanos da noção de Estado.

Em quanto Roma é uma republica — isto é, um governo dos poderosos, não dá a este grupo de aristocratas nenhum cuidado a sua theoria de Estado. Eleitor, orador, jurado, juiz, magistrado, senador, o Romano enfim, não tem nem pôde ter senão uma virtude: o ser patriota; senão um vicio: o ser oppressor.

Um punhado de privilegiados devastava o mundo sem importar-se com o despotismo oppressivo que diffunde no exterior, nem com a corrupção que semea no interior. Mas logo que o povo contaminado foi venal, uma mão, ousada bastou para dar cabo d'esse monopolio de meia duzia de familias de senhor; e, debaixo da compressão universal, a liberdade romana é supprimida: é tudo provincia, e no mundo já não vigora mais senão a lei que dicta o capricho do imperador.

O que fôra este despotismo que abrangia tudo, e ao qual ninguem podia escapar senão por morte, é o que não é facil imaginar-se, nós os modernos que vivemos no meio de uma civilisação suavisada pelo Christianismo, e temperada com a visinhança de outros povos livres e christãos!

Tudo está na mão do Cesar: a milicia, o erario, a administração, a justiça, a religião, a educação, a opinião, tudo até a propriedade e a vida do mais infimo cidadão. E' acaso para causar admiração aquella apotheosis que fazem os Romanos ao imperador de tempo immemorial? Vivo, é um *Numen*, uma divindade protectora: morto, é um *Dius*, um dos genios tutelares do imperio. Na linguagem da chancellaria, aquella mão que chancellas as leis é *Divine*, as palavras do imperador são os *oracles*; e nos titulos pomposos, este soberano de um dia até nem a Deus deixa a sua eternidade!

Como governava o imperador? Por si mesmo no tempo dos primeiros Cesares, como se pôde crêr pelas cartas de Trajano a Plinio; mais tarde, á medida que se extinguíam as ultimas franquias municipaes, é a administração, são as secretarias que cogitam e governam pelo mundo inteiro. D'aqui uma excessiva centralisação que cresceu a ponto de vir tudo esmagar, e em poucos seculos enerva um povo obediente e corajoso e leva-o da escravidão á morte.

Tal era a theoria da omnipotencia do Estado.

Todavia ora a antiga noção da so-

berania popular. Em theoria não deixou nunca de existir a republica; e até o principe se intitula o representante da democracia, o tribuno perpetuo da plebe. Mas em ultima analyse em que rematava esta theoria? Na conclusão seguinte como a tiraram os juriconsultos do 3.º seculo, quando estudam o poder do imperador: que a vontade do principe tem força de lei: *Quod principi placuit legis habet vigorem*; e a razão que dam d'este raciocinio peremptório é que o povo lhe legára todos os seus poderes.

E' a theoria que se acha no fundo de todas as oppressões ou revoluções; é na sua expressão mais simples a theoria pagã: a liberdade, e a soberania; o direito, é a vontade da nação. Eis aqui como se tira da maxima liberdade o maximo despotismo.

Facto estranho! Contra esta theoria que os esmaga, não se vê que os Romanos protestassem nunca. Os antigos nem mesmo disputam ao senhor do mundo o que hoje se considera como os direitos mais sagrados do individuo; —isto é, a consciencia, a intelligencia, e o trabalho. A religião, a educação, as letras, o commercio, a industria, tudo está na mão do imperador, desde o dia em que o povo, quizesse ou não, transmite aos Cesares a sua soberania. Nem Trajano, nem Marco-Aurelio duvidam um instante que não seja illimitado o seu poder. Elles governam em nome do povo; e pretender limitar este poder infinito, é um crime de lesa-majestade.

Em taes circumstancias perguntase: como teria o mundo resistido a este despotismo que o estrangulava, a não ter vindo á terra Jesus Christo?

«Dae a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus,» dizia Jesus Christo.

Entre os antigos era de uso o suspender-se pelas muralhas da cidade os deuses da patria, e só assim os havia com previa licença do Senado ou do Cesar. Ora, vir-se á face do mundo pagão officioso, proclamar que ha um Deus unico com direitos; que era porventura senão fazer em hastilhas a unidade do despotismo?

Tal é o germen da revolução que separa o mundo antigo do mundo moderno.

Até J. J. Rousseau, o celebre socialista do seculo XVIII, o sentira perfeitamente, mas para queixar-se: «Jesus—diz elle no seu «Contracto Social,» Livro 4.º cap. 8.º—veio cimentar na terra um reino espirital, que desunindo o systema theologico do politico, rompeu a unidade do Estado, e causou as divisões intestinas, que nunca cessam de abalar os povos Christãos.» De accordo com Rousseau quan-

to ao facto; mas as consequencias são outras que tiramos d'elle. E' certo que foi a soberania de Deus que derruira para sempre a tyrannia dos Cesares. Com effeito, desde o dia que o dogma prevaleceu, e por consequencia triumphou esta soberania, existiram deveres, e, logo, direitos para a alma immortal, direitos e deveres independentes do Estado, sobre os quaes o principe não tem auctoridade. A consciencia é emancipada, o individuo existe.

E' acaso simplesmente o culto que é inculcado? Embora fôsse só unicamente, seria já uma revolução; mas as palavras do Christo tem um outro alcance. O culto antigo era apenas uma vã cerimonia; e culto christão, ao contrario, comprehende uma moral que abrange toda a vida. S. Paulo explica-nos o pensamento de Christo, assim: «A ninguém devais cousa alguma: senão é o amor com que vos ameis uns aos outros: porque aquelle, que ama ao proximo tem cumprido com a lei.

«Porque estes mandamentos de Deus: Não commetterás adulterio: Não matarás: Não furtarás: Não dirás falso testemunho: Não cubiçarás... todos elles vem a resumir-se n'esta palavra: Amarás o teu proximo, como a ti mesmo... O amor é o cumprimento da lei.»

No dia immediato ao apparecimento do Evangelho, estão, pois, frente a frente duas concepções politicas; d'um lado a antiga theoria que toma a soberania pela liberdade; n'este systema o Estado é uno, a Metropole tudo, o cidadão rei, e o homem coisa nenhuma; d'outro lado está a idéa nova que dá o primeiro logar á consciencia ou ao individuo, o systema que simplifica o papel do Estado a uma missão de justiça e de paz, e que faz da soberania politica a garantia dos direitos individuaes. Na theoria pagã a soberania é absoluta, nada a limita; na theoria christã ha direitos limitados, e deveres certos. Ha n'esta uma esphera em que nada pôde entrar; —a alma não pertence ao Estado.

Dar ao poder civil a dominação da minha consciencia seria o maior absurdo, um erro fatal, que está escripto com traços de sangue na historia do mundo. Como, portanto, um individuo, ou certo numero de individuos, ou uma nação inteira, poderia acazo, sem tyrannia, dar regras á minha consciencia?

Grande é a patria, e santos são os heroes de Marathón e das Thermopylas. A patria, todavia, não é tudo n'este mundo, E'-se homem e filho de Deus, antes de ser-se cidadão—isto é, republicano ou monarchico.

J. C. de Faria e Castro.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

IX

Juizo critico dos impios a respeito de Jesus Christo, de Mahomet e de Luthero

(Continuado do n.º anterior)



As suas doutrinas dissolventes motivaram a sublevação popular que inundou de sangue as comarcas da Allemanha e que cobriu de ruínas e de desolação as povoações invadidas por aquellas hostes indisciplinadas de fanaticos (1).

Cem mil homens mortos nos campos de batalha, mil mosteiros e sete cidades barbaramente destruidas, e trezentas igrejas incendiadas com a irreparavel perda de pinturas, estatuas, bibliothecas, e outras tantas preciosidades artisticas em bronzes, tecidos, relevos, vidraçarias e chalcographia, tudo foi o triste resultado d'uma doutrina que impiamente se quer comparar com a santa e pacifica moral de Jesus Christo.

Munzer, chefe da insurreição, morreu por fim ás mãos do verdugo, amaldiçoando o nome de Luthero, ao qual accusou em momentos tão solemnes de todas as desgraças que tinham assolado um paiz pouco antes pacifico e tranquillo.

O estylo de suas obras revela com bastante exactidão a originalidade vulgar do patriarcha protestante, e como prova do seu gosto depravado offerecemos um fragmento das conferencias recopiladas com o titulo de *Convivia mensalia*.

Rodeavam o celebre doutor os seus amigos intimos, propondo-lhe diferentes questões a respeito de Deus, do Papa, das decretaes, do diabo, dos bispos, dos sortilegios, etc., as quaes elle resolvia em termos grosseiros e soezes: «Desejaes que eu diga o que são as decretaes? A uma cloaca com as decretaes, m... nas decretaes. Uma decretaes é o que sai pelo c... d'um burro. «Perguntais-me o que é um legista? E' um sapateiro ou um roupavelheiro, que andam sempre disputando sobre cousas de muito mau cheiro, como sobre o sexto mandamento, que estão enterrados no lixo até ao pescoço. «*Omnis jurista est aut nequista aut ignorista*. Dizei aos que intentem defendel-os e entrar em disputa convosco: *Um jurista só deve fallar quando ouça p... a uma marrana* (2).»

Mas ao responder á questão relati-

(1) Luthero escrevia: «Non rusticos esse qui nunc insurgunt... sed Deum ipsum exorcere videntur, quam tyranni ipsorum merentur.»

(2) *Historia de Luthero*, por M. Audin.

va a Deus, despregava-se todo o orgulho satânico do heresiarcha, atrevendo-se a pronunciar esta blasphemia repugnante: «Devo mais á minha Catalina e ao meu Philippe que ao proprio Deus; Deus tem feito grande numero de loucuras; se eu tivera presenciado a criação ter-lhe-ia dado muito bons conselhos, porque fazendo luzir o sol sem interrupção alguma; teria feito com que o dia não tivesse fim.»

Tal era o caracter, mansidão e cortezia de Martinho Luthero, que não guardou maiores attentões com os seus discipulos rebeldes.

Jurou odio eterno a Carlóstadio, seu antigo professor de theologia, e o mais querido entre todos os seus amigos até que se atreveu a contradizel-o, momento desde o qual attraheu sobre sua cabeça uma nuvem de maldições, de insultos e sarcasmos: chamava-lhe *louco furioso, sem talento nem instrução*, acrescentando que o seu especial genio só podia brilhar em muladares e latrinas.

E' este o homem extraordinario que os incredulos comparam com Jesus Christo! E' esta a linguagem que se quer equiparar com a sublimidade do Evangelho! com a santidade da seguinte maxima: *Amaris ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento; e ao teu proximo como a ti mesmo* (1).

Se o senso commum e a razão se indignam contra o impio paralelo em que os incredulos põem Luthero e Jesus Christo, revoltam-se igualmente assombrados contra a comparação injusta e audaz para a qual possa servir de termo o repugnante e falso propheta dos Arabes. Que poderemos dizer a respeito da moral obscena d'este cruel e fanatico sectario que não deixe de ser descolorido? Explicam-na perfeitamente alguns pensamentos que entre outros muitos colhemos ao acaso no seu *Alcorão*:

«As vossas mulheres são o vosso campo: cultivai-o como vos aprouver, fortificai o vosso coração e temeí a Deus. O desejo de possuir uma mulher seja ou não manifesto, não vos tornará culpados perante Deus, pois elle sabe que vós não podeis prescindir das mulheres. Não tomeis em matrimonio senão duas, tres ou quatro.» Poderá louvar-se a sua caridade e amor ao proximo depois de se ter lido no referido livro a seguinte maxima: «Combatei contra os infieis até que exterminéis toda a falsa religião, matai-os, não lhes perdoeis; e quando os tiverdes enfraquecido á força de carnificina, redu-

zi-os á escravidão e arruinai-os com tributos.»

Veja-se em contraposição a moral de Jesus Christo: «Porém eu vos digo que todo aquelle que olhar para uma mulher cubicando-a, já no seu coração adulterou com ella. Mas eu vos digo: amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm odio, e orai pelos que vos perseguem e caluniam (1).»

Mahomet, sem auctoridade nenhuma para o magisterio, perverte a moral sustentando os seus principios *sancios* com o mais abjecto sensualismo em cujas aras sacrifica impuramente á mulher, e prohibe aos seus crentes as discussões religiosas, encadeando-lhes o entendimento.

Jesus Christo mostrou com prodigios a sua missão divina, e não occultava os principios evangelicos, não recusa o exame publico e universal d'elles, porque o seu ensino puro e elevado combate os appetites carnaes, inspira ao homem nobres sentimentos de virtude e de amor a Deus e ao proximo, impondo-lhes deveres que prohibem toda a violencia e injustiça.

Pode porventura comparar-se o auctor d'esta doutrina com o fundador corrupto, sanguinario e cruel do islamismo, com o furioso patrearcha dos protestantes, tão suez no seu estylo como intemperante na sua doutrina?

Mahomet reconheceu a divindade de Jesus Christo (2). Antithese do islamismo, a nossa sancta religião é divina, e por conseguinte verdadeira: porque é divino o seu glorioso fundador. Não podem existir duas religiões diferentes e igualmente divinas; logo é falsario um dos seus fundadores, e não ha entre elles comparação nem similitude alguma; e estando reconhecida no Alcorão a divindade de Christo, necessariamente está confessada e reconhecida a impostura do voluptuoso propheta dos arabes.

Convem os doutores protestantes em que a religião catholica pode salvar os mortaes, logo reconhecem a sua verdade e santidade.

Todos os theologos confessam egualmente que a unidade é a primeira e necessaria circumstancia da verdadeira religião.

A doutrina de Luthero encontra-se hoje dividida em numerosas e encontradas seitas, logo a sua igreja não é a verdadeira, e não pode haver comparação alguma razoavel entre o divino fundador do christianismo e o carnal e soberbo fundador da igreja protestante.

(Continúa)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo

(1) S. Matheus, cap. V, vers. 28 e 44.

(2) O Alcorão, azoa. 4, 11 e 29.

SECÇÃO CRITICA

Os missionarios em Barcellos

(Continuado do n.º anterior)

MORREU!

MORREU! Acabou!

Nem um suspiro, nem uma lagrima, em Barcellos, pelo desapparecimento d'ella!

Já não existe!

Esticou o pernil!

Denominava-se — Nova — e lá foi!!

E' porque a morte não attende á idade: leva novos e velhos!

A *amiga das luzes* já não vê a luz do dia! A *amante do progresso* já não *caminha* n'esto mundo! *Retrocedeu*, quero dizer, voltou ao mesmo tumulto que anteriormente a encerrára!

Adeus progresso! Adeus luzes!

Barcellos agora vai recuar ao tempo em que os mouros lhe chamaram — *Barcellenos!* Apagaram-se as *luzes* n'aquella villa! Ficou ás escuras!

Mas porquê?

Porquê! Oh! Os leitores não sabem que, em Barcellos, apagou-se o *facho das luzes negras*? Não sabem que desapareceu alli a «*Ideia Nova*», a *Grande Ideia* republicana que derramava tantas *luzes escurecidas* e tanto *progresso de caranguejo*?

Pois é verdade. Fiquem sabendo isto.

A «*Ideia Nova*» morreu, apesar de ter sempre a seu lado um medico, mas um medico amicissimo da finada! (1)

Pouco tempo durou a *menina*! (2)

Morreu na villa em que resurgiu, e os de Barcellos, corações de pedra, *sem se afogarem n'um mar de lagrimas* por quem *tanto os illuminava*, por quem *tanto os fazia andar para diante!* Os barcellenses, com certeza, não souberam o que perderam. Eu, que não sou barcellense, sou mais compassivo. Tenho *chorado* e *chorarei* a falta da *Ideia* porque sem *ideia* nada se faz. Agora mesmo que escrevo, estou *ensopando* o papel em muitas e muitas *lagrimas* de tinta!

A *menina* teve uma morte assombrosa. Retirou-se do mundo, soltando este grito terrisono que foi ouvido em toda a villa: — EIS-ME NAS TREVAS!!

«E as mães, que o som terrivel escutaram, «Aos peitos os filhinhos apertaram».

(1) Alguem me disse que em Barcellos ha um medico republicano.

(2) A «*Ideia Nova*» pouco mais tempo durou do que o da missão que foi dada em Barcellos pelos missionarios varatojanos!!

(1) S. Lucas Evangelista, cap. X, vers. 27.

A terra seja tão leve ao jornal republicano, como *loves* foram as culpas que elle commetteu.

Uma advertencia aos leitores: Se desejarem saber mais alguma coisa acerca da morte da «Ideia Nova», queiram escrever para a Rua Direita, n.º 11—Barcellos—onde a *menina* era *administrada*, e de lá receberão muitas

Antes, porém, dos leitores ouvirem as grandes tolices do *pasquineiro*, vão observar como elle chama a attenção—como elle rufa no tambor republicano. Sim, o homem vai *deitar* pregão; e quem *doita* pregão costuma precedel-o de rufo.

Eis, pois, o *pasquineiro* a tocar caixa:

Rrrrrr. . . an, pram, ram-cataplã,

sas espadas—álerta, que o inimigo das trevas, os bandidos hypocritas, os ventilhões do templo, os nefandos sotainas, estão erguendo, com altivez e sobranceria o cõllo, e pondo em pratica os seus demolidores, os seus dissolventes planos de esphacelamento e de anarchia social».

Ora ahí está, leitores, como o pregoeiro republicano principia a berrar e



UM INIMIGO DOS FRADES

luzes escurentadas sobre as virtudes e passamento d'ella.

Eu não sei mais nada: é por isso que fui breve no *necrologio* em louvor da fallecida. Ainda assim, diga-se a verdade:—relativamente a *luzes* o *progresso*. . . . puz a «Ideia Nova» nos *cornos* da. . . . formiga.

Nunca li a *Ideia* republicana barcelense. Somentemente tenho em meu poder o suplemento-pasquim de que fallei aos leitores no ultimo artigo, suplemento que agora lhes vou mostrar. Por elle, pelo filho tão nauseabundo e malcreado, calculem-se as *bellas* qualidades da mão.

*Ram, pram, ram-pram-pram,
Ram, pram, ram-cataplã,
Rrrrrr. am, pram-pram.*

Já vêem os leitores que o homem rufa *com gosto*; toca caixa *admiravelmente*.

Agora preparem-se para ver e ouvir o *melhor*. O pregão!. . . . isso é obra *fina e apurada*; é *admirabilissimo* !!

Lá vai o pregoeiro *escarranchar* a bocca:

«Liberaes de todas as côres, patriotas honrados, que ainda brandis o aço das vossas penhas e o gume das vos-

a erguer, «*com altivez e sobranceria, o cõllo*»! Não vêdes como elle, o *pasquineiro*, o republicano, n'esto primeiro brado, vai abrindo caminho para «*os seus demolidores, os seus dissolventes planos de esphacelamento e de anarchia social*»?

Caramba! As suas palavras são de *arrasar tudo!*

Os missionarios, ASSIM, INJURIADOS, vão deixar o *pulpito!* Pois quem ha de ouvir, d'hoje para o futuro. «*os bandidos hypocritas, os ventilhões do templo, os nefandos sotainas*»?! Quem?! *Caramba, rabiscador!*

Bem se vê por estas e outras palavras do pasquim, que o miseravel rabiscador, quando tomou a penna, tinha o *juizo a arder* contra os missionarios, e com elle a *arder* ficou pelo *maravilhoso* parto do seu bestunto. Banhos de chuva. banhos de chuva, homemzinho; aliás arrisca-se a cair com os ossos em Rilhafolles ou no hospital do Conde de Ferreira, e sem que os terrores dos *jesuitas do Varatojo* e a confissão motivassem isso.

Muita cautella, pois, e aproveite-se do conselho que é d' amigo. Se não fizer uso do remedio, mais cedo ou mais tarde, vai cantar uma aria *a duo* com

maus, viciosos, que encaminhassem os ouvintes para a estrada da devassidão, que dessem nocivos conselhos no confissionario, que affastassem os individuos da pratica da virtude, então nunca sahiria á luz a pasquinada. O actor que *botou segura* com o pasquim *mudaria as scenas*: os missionarios seriam por elle muito applaudidos; eram os seus homens; os homens das *luzes apagadas* e do *progresso*. da viciosidade. Então o *pasquineiro*, satisfeitissimo com elles, não lhes chamaria—*abandidos hypocritas*, *ventilhões do templo*, *nefandos sotainas*, etc., etc. Não, mil vezes não.

Escreva e espalhe quantos pasquins quizer; toque a rebato em todos os sinos de Barcellos; berre pela sua *amada gente* com toda a força dos pulmões; grite por todos os liberaes vivos e defunctos; faça *pegar em armas* a milicia *geringonzeira* de Portugal, Hespanha, Italia, França, Austria, Allemanha, Prussia Hollanda, Belgica, Inglaterra, etc., etc., etc., tudo é trabalho inutil; é pisar agua no almofariz: — *Pestar l'acqua nel mortaio*. Os missionarios riem-se de tudo isso, e vão annunciando da mesma maneira as verdades do Evangelho.

Ahi vai a prova:



O PASSA-TEMPO DOS FRADES

Amelia Ferreira de Azevedo. Ora isso é que eu não quero. E quem o ha de querer? Ficar Barcellos sem uma intelligencia *tão aclarada*, sem uma luz *tão fulgorosa*, sem a *mola real do progresso*, seria o mesmo que a submersão de toda a villa no Cávado. Cruzes!! Tal não aconteça!

O *pasquineiro*, porém, não soube o que fez com a publicação do pasquim; se soubesse, nunca o publicava. Teceu o maior e o mais prazenteiro elogio que se podia tecer aos missionarios.

Sabe porquê, sr. *pasquineiro*? Está com o *juizo a arder*, não sabe. Pois esente:

Se os missionarios fossem homens

Mas como os missionarios são homens que instruem, que evangelizam, são boas pessoas, virtuosas, que convidam os ouvintes para a vereda da santidade, que nunca dão maus conselhos no confissionario e fóra d'elle, que, finalmente, a todos ensinam que é necessario observar a lei de Deus para se conseguir o céu, em tal caso, berra-se *álerta*. pasquim sobre os missionarios!! Eis, pois, o pasquim transformado no maior elogio aos apóstolos da verdade.

Recebam os missionarios os meus cordiaes emboras por serem elogiados por quem julgava deprimil-os.

Mas escute mais, ó sr. *pasquineiro* :

O *pasquineiro* sabe que, fha pouco, a archidiocese de Braga foi consagrada ao SS. Coração de Jesus; sabe que então os bracarenses mostraram mais uma vez as arraigadas crenças catholicas que possuem; sabe que, em tres dias, se fizeram grandes festejos. Sabe? Pois hem.

O que talvez não saiba, é que Sua Exc.^a Rev.^{ma}, o Snr. Arcebispo Primaz, convidou missionarios para fazerem, na igreja do Collegio, uns exercicios espirituaes, exercicios preparatorios para a grande solemnidade. E note o rabiscador uma coisa:—a concorrência de fleis aos sanctos exercicios foi sempre muito numerosa!!

E quem foram os missionarios que deram os referidos exercicios? Foram os mesmos a quem o *pasqueiro* chama — *«bandidos hypocritas, vendilhões do templo»*, etc. (1)

Que tal, ó *pasqueiro*? Isto é bonito. Sua Exc.^a Rev.^{ma}, o Sr. Arcebispo, *aventurou-se* a convidar *«hypocritas»* e *«vendilhões do templo»* para prepararem os fieis para a grande festa!!! Demais a mais o exc.^{mo} snr. governador civil consentiu em que subissem ao pulpito aquelles que *«estão erguendo, com altivez e sobranceira o cillo, e pondo em pratica os seus demolidores, os seus dissolventes planos de esphacelamento e de anarchia social»*!!!

Ora isto pôde-se tolerar? *Berre ás armas, rabiscador!*

O que não me consta. snr. *pasqueiro*, é que em Braga, por causa dos sanctos exercicios, houvessem *monomanias religiosas* e *roubos* de mulheres!* Chuche mais este rebuçado para *melhor poder herrar—álerta!* (2)

Páro aqui.

No artigo seguinte ainda darei uma lição ao *pasqueiro* sobre as mesmas primeiras rabiscas que traçou.

A publicação de todo o *pasquim* não ha de ir depressa, mas. . . . paciencia. *Os grandes monumentos* (como o *pasquim*) não se erguem e rematam n'um dia.

Na *pasquinada*, além das lindas *palavradas—«bandidos hypocritas, vendilhões do templo, e nefandos sotainas»*, *palavradas* que como disse, se transformam em elogio aos missionarios por sahirem de penna *tão sua amiga*, ainda se lêem outras que bem accusam a febre maligna e atormentadora do miseravel *pasqueiro*. Vou já apresental-as todas em *montão*, para que os leitores, mais tarde, não se *arripiem* ao lê-las. E' melhor *soffrer o golpe* d'una só vez.

- *Nefandos sotainas*
- *Vendilhões do templo*
- *Bandidos hypocritas*
- *Nefandos roupetas*
- *Assalariados bandidos*
- *Infames missionarios*
- *Infames sotainas*
- *Negregados roupetas*
- *Viboras da reacção*

Somma tudo. . 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0

Um leitor do «Primeiro de Janeiro».

(1) Os missionarios que deram os exercicios foram—o P.^o José d'Oliveira e o P.^o José Joaquim da Silva Bacellar Junior. Este ultimo missionou em Martim. São companheiros nas missões; ambos pregam a mesma doutrina, a doutrina catholica. E' por isso que, sendo elles companheiros, disse que — *foram os mesmos a quem. . . .* etc. Para o *pasqueiro*, todos os missionarios catholicos são *«bandidos hypocritas, vendilhões do templo, e nefandos sotainas»*.

(2) O «Primeiro de Janeiro», certamente, não ouviu d'esta vez do rabiscador; so a ouviu.

Um dia em Santo Adrião de Vizella

HAVIA festa e festa rija em Santo Adrião de Vizella, a que nos compromettemos a assistir, no domingo 9 do corrente. O P.^o Bento Bravo era o juiz da festa e o P.^o Firmino, tambem como aquelle Bravo, não admittia desculpas e ameaçava-nos até com quebras de relações de amizade se não fossemos.

Fomos. Depois das 7 horas da manhã eis-nos a caminho de Vizella, povoação que atravessamos, e pouco depois das 8 horas embrenhavam-nos n'um caminho tortuoso, caminho proprio para bois e cabras, mas ladeado de verdores, coberto quasi de ramagens que o afestoavam como que de proposito a arte ali exercesse o seu mister de embelezar tão pittoresco sitio. A victoria em que navegavamos por aquelle mar de flores silvestres, ora se encostava para a riba verdejante da direita, ora tombava, quasi, para a esquerda, rossando o envernizado costado em formosos macissos de giestla, com as suas flores amarellas e brancas; umas vezes parecia trepar a descomunal altura, como levada por onda furiosa, outras afundando-se desmesuradamente, como abismando-se em pelago medonho. Umas vezes as ramarias dos carvalhos e castanheiros fugitavam-nos desapiedadamente, tirando-nos o chapéu; outras uma silva, que se abraçava a outra fronteira, em risco nos punha de perder os olhos, de ficar com o rosto rasgado. Era, como já dissemos, um navegar por mar de verdura e flores, entoldado pelos braços das vides suspensas dos braços dos corpulentos róbiles.

Chegado a casa dos nossos amigos Bravos, que já haviam perdido a esperança da nossa chegada, soubemos ter principiado a festa, e partimos para a igreja, a pé, eu e minha irmã, e um creado da casa que nos ensinava o caminho.

Poucos passos andados apparece-nos, como por encanto, o Vizella, rio formosissimo em todos os sitios por onde passa, mas que se não pode descrever a sua belleza no sitio onde acabava de apparecer-nos. Parecia um lago imenso d'um mimoso jardim, onde a arte, a sciencia e o bom gosto tivessem empregado todos os esforços para realisar o mais esplendido pensamento.

Via-se n'uma grande extensão, sempre enmoldurado em ribas verdejantes, e estas por toda a parte matisadas de florinhas de variegadas cores. A copa frondente das arvores seculares, que irrompiam das margens e se elevavam pujantes de viço e belleza, entoldavam aquella corrente christalina, e só a espáços deixavam que o azul da

abobada celeste, se mirasse n'ella; e d'esse amplissimo docel pendiam, como que a engrinaldado milhares de festões de videiras e outras trepadeiras, que beijavam de leve a limpida superficie umas, enquanto outras serviam de juguete ao placido rio, que as levava a pequena distancia, deixando-as depois baloiçar-se nos braços das corpulentas arvores.

Não sei o tempo que ali estive, esquecido, a contemplar quadro tão bello; sei apenas, que, quando me lembrei de que ia para a festa, nem achei o creado que nos acompanhava, que talvez, farto de ver tanta belleza, se foi indo, certo de que nós o seguíamos, e, quando me lembrei de minha irmã, vi-a bem longe d'onde eu estava, esquecida tambem, do que ali nos levava, entertida a lançar folhagem ao rio, para fazer fugir os peixes, que saltavam, rodopiavam aos milhares, á tona da agua.

II

Deixamos o rio com saudade e fomos para a igreja, que estava alindada com cortinados de damasco carmesim, sedas e galões de varias cores. O throno era em *bouquet* de lumes e flores.

Estava-se á missa da communhão das creanças e principiara essa scena que é uma das mais commoventes do nosso culto. No meio do gracioso grupo das creanças que iam pela vez primeira sentar-se á Mesa da Communhão, divisamos a figura respeitavel, e veneranda do digno Abbade da freguezia Rev.^{mo} Francisco Maciel da Costa, que era quem dirigia os pequenos, ajudado pelos Rev.^{mos} P.^o Firmino Bravo e P.^o José Maciel, irmão do Abbade. O templo era repleto de fieis, que escutavam, com lagrimas nas faces a pratica que ás creanças fazia o orador sagrado, que foi eloquente, como sempre. Antes da communhão fallára aos seus companheiros um dos pequenos, e, com franqueza, folgamos de ouvir o desembaraço da creança, e o bem que recitou o pequeno discurso. Ministrou a sagrada Eucharistia o Rev.^o P.^o Bento Bravo, assistido pelos Rev.^{mos} Abbades de S. Faustino do Vizella e Rabinhade.

Pouco depois das onze horas principiou a festa, que era feita ao Santissimo Sacramento da Eucharistia. Cantou a missa o Rev.^{mo} Abbade de Tougninhó, acolythado, se me não engano pelo Rev.^{mo} Vigario da Vara e Abbade de Santo Estevão de Barrozas e Abbade de S. Faustino de Vizella, sendo assistentes os da missa anterior, e o Rev.^o P.^o Abel de Freitas, de Vizella. A missa foi celebrada com toda a solemnidade e, sem que n'isto haja som-

bra de lisonja, podemos afirmar que não ouvimos ainda, nem mesmo nas grandes cathedraes, cantar melhor uma missa do que o fez o Rev.^{mo} Abbade de Touguinhó. Ao Evangelho subiu ao pulpito o mesmo orador, e terminada a missa sahio a procissão adornada com alguns *anjinhos* e com as creanças que commungaram, vestindo graciosamente de branco as meninas, e cobrindo opas brancas com murça azul os pequenos, todos sob a bandeira da Santa Infancia, que um d'elles hasteava, e cantando festivos hymnos compostos e ensaiados pelo digno Abbade, que os acompanhava alegre e satisfeito, com essa alegria e satisfação que sente o verdadeiro sacerdote, ao ver coroados de exito feliz os seus mais ardentes desejos.

Recollida a procissão fez ainda uma pratica ás creanças o mesmo orador, que era, não o devemos calar, o nosso bom amigo Prior do Mosteiro de Souto. N'esta occasião lembrou ás creanças o acto a que tinham assistido, e fez d'estas entrega aos paes, entre lagrimas de consolação, que se deslissavam pelas faces de todos.

III

Eis-nos em casa dos nossos amigos Bravos, e sentados á mesa! Mesa ampla em amplissima sala, pelas janellas da qual entravam as travessas brisas da tarde empregnadas do aroma dos campos. Mudára a scena. Trocara-se a seriedade e o respeito observado todo o dia, e hia dar-se largas ás largas alegrias de um jantar entre amigos.

Occupavam os lugares de honra os Rev.^{mos} Abbades da freguezia e o de Touguinhó, ladeados por umas vinte pessoas entre as quaes se notavam duas cabeças ostentando a neve dos annos. Eram os paes dos nossos amigos, os donos da casa, deixando ver bem patente as alegrias que sentiam n'alma em dia de tanta dita. O resto dos convivas eram, uma grande parte sacerdotes e algumas senhoras — filhas do casa e uma gentil menina sobrinha do Rev.^{mo} Abbade de Touguinhó.

Este Abbade alia a uma boa presença um trato fino, uma conversação agradável e por vezes galhofeira, e como presidia á parte da mesa onde eu estava, com o Prior de Souto, P.^o Bento Bravo e P.^o Abel, não tardou que uma descarga de bons ditos se desencadeasse e que o gargalhar estrondoso eccoasse sob o tecto da casa.

Bem servido fôra o jantar; um jantar portuguez de lei, e por isso sem os remoques de estrangeirismo que hoje é moda usar nas grandes mesas. Ali não havia francesismos nem flores sobre a mesa, que entre flores a casa

era: fumegavam sobre ella carneiros inteiros e quartos de vitella, e mesclava-se com as amplas travessas de carnes assadas e gallinhas o verde claro das saladas, e espumava em toda a linha o fresco e rascante vinho verde — o puro vinho verde!

E para que em tudo fosse o jantar portuguez de lei, findou, como é costume findar todos os jantares verdadeiramente portuguezes. Findou pela oração. Levantara-se o Rev.^{mo} Abbade da freguezia, e todos os mais se levantaram para dar graças a Deus.

E depois, eis-nos de novo ao ar livre, recebendo em cheio a aragem pura e fresca d'aquelles campos tão verdes, tão cheios de poesia, e escutando o gemer saudoso do rio que a poucos passos corria.

Surpreendera-nos a noite em cavaço animadissimo em pleno jardim. Era forçoso partir, que a duas boas horas nos ficava Guimarães, e o Prior de Souto ainda depois havia ir contar saudades do Vizella ás margens do Ave que lhe fica ás portas.

Desprendemo-nos dos braços de tantos amigos, que nós acompanharam a alguma distancia da casa, e ahi vamos nós caminho de Guimarães onde chegamos ás dez horas da noite, cheia a alma de agradaveis recordações e com saudades dos amigos que deixaramos, do pittoresco sitio, da franca hospedagem, e d'aquelle rio, do poetico Vizella.

Podemos dar os parabens ao Rev.^{mo} Abbade, ao Rev.^{mo} P.^o Bento Bravo, como juiz da festa e a todos que para ella concorreram, porque a festa esteve em tudo admiravel.

J. de Freitas.

SECÇÃO LITTERARIA

DAMOS n'esta secção o primeiro lugar ao formosissimo hymno que se cantou nas ruas de Braga, por occasião das festas dos dias 14, 15 e 16 do corrente, fructo de uma intelligencia robustissima, e das que mais honram Guimarães, que lhe foi berço.

O sabio jesuita vimaranense Rev.^{mo} P.^o Campo Santo que hoje occupa o cargo de Reitor do Collegio de Campolide, não podia deixar de associar-se ás festas sympathicas que alvoroçaram de contentamento toda a archidiocese. Os nossos parabens, por isso.

Eis a letra do

HYMNO

Para a consagração da Archidiocese
Primaz de Braga

AO

SS. CORAÇÃO DE JESUS

Em 16 de Maio de 1886

CORO

Pelos campos do Minho formoso
Entre galas cantares e luz
Corre a turbo em festivo tropel.
Coração de amantissimo Esposo
Recebe hoje do amante Jesus
A grei sancta de Braga fiel.

CANTO

Pelos campos echoa o balido
De quem busca as nascentes do amor.
Parabens ao rebanho escolhido
E da séde Primaz ao Pastor.

Correi, auras gentis, valle e monte,
Dae a nova ao fiel Portugal.
Vinde, ó echos do largo horisonte,
Repetir parabem triumphal.

Venha aos bosques a aragem amena
Que os cedraes lá no Libano têm.
Veja o Minho a deifica scena
Que pintára o Propheta em Salem.

O Esposo celeste que afaga
Dos cantares a esposa em São,
A' Igreja fervente de Braga
Faz presente de seu coração.

Hoje é Braga a gentil Sulamite
Dos virgineos requebros a flux:
Não se accorde... deixae que dormite
Sobre o peito do amavel Jesus.

Não precisa de Cédar as tendas
Nem racimos de verde Engadhi,
Nem do Hermon e Sannir floreas prendas
Nem romãs com seus grãos de rubi.

Pão dos anjos cá tem por comida,
Bebe o calix que só Virgens faz
E no ardor de seraphica lida
Nunca perde o remanso da paz.

Junca as ruas, Cidade, com palmas
Para o Esposo Real que a nós vem,
Mas as prendas melhores são almas:
Não lhe negue sua alma ninguem.

Ai, bem sabes que o Bom Jesus chora
Se se esquece a visita da Paz.
Não chore elle entre nós, como outr'ora,
Em Salem, ó Diocese Primaz!

Rei Divino, estreitae estes laços
Com o vosso real Coração;
Estampae-vos em nós, peito e braços
Guardem vossa real impressão.

Venha a lucta depois, venha a morte,
Venha a honrosa ignominia da Cruz.

Serão fortes, mas ainda é mais forte
Quem amais, Coração de Jesus.

CORO

Pelos campos do Minho formoso
Entre galas cantares e luz
Corre a turba em festivo tropel.
Coração do amantissimo Esposo
Recebo hoje do amante Jesus
A grei sancta de Braga fiel.

C. S.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

O passatempo d'um inimigo dos frades

FIL-O á meza, entregue a sustentar a barriga, porque mais nada tem que lhe mereça a atenção. Em quanto que a sopa arrefece ri alvarmente de outros companheiros que fallam mal dos frades, dos jesuitas, na taberna, onde se juntam os vendedores dos jornaes de 10 reis, e os leitores dos ditos. Saem *piadas graciosas* e porisso o alarve, que a nossa gravura representa, ri, e ri com vontade.

E' um livre-pensador, que lê diariamente o «Primeiro de Janeiro» e o «Seculo», e portanto é um inimigo dos frades, e amigo de bons petiscos, como todos os que, ignorantes, não sabem o que são frades.

II

O passa-tempo dos frades

Eil-nos na sua faina civilisadora, esquecidos do mundo, entregues a todos os trabalhos artisticos o scientificos.

Admire-se no quadro que representa a nossa segunda gravura, a vida do convento, como matam os ocios esses incansaveis obreiros da civilização, possuidores de intelligencias para todos os ramos da actividade humana. Vede-os, os frades, esses homens que apedrejaes, que insultaes e que apontaes ao povo como seus inimigos, e dizei-nos, se sois capazes, se nas vossas escolas, nas vossas associações encontraes theologos profundissimos, musicos celebrados, architectos distinctissimos, pintores de grande nomeada, e esculptores afamados.

Tem de tudo o convento, porque o frade não cuida da barriga, porque o frade é o mais forte sustentaculo das bellas artes, porque o frade é o verdadeiro amigo do progresso. Mas é por isso que o frade é odeado.

As nossas duas gravuras reprodüzem admiravelmente os frades e os

seus inimigos—os livres-pensadores, e os obreiros da civilização.

R.

Errata importante

No passado numero no artigo o—Padre Moigno,—3.º linha, onde se lê Exploradores da Fé; deve se ler se *Esplendores da Fé*.

SECÇÃO NECROLOGICA



Morte invejaval

Beati mortui qui in Domino moriuntur

NA manhã do dia 13 de maio, finou-se na cidade da Virgem o exc.º sr. José Antonio da Cunha Porto, capitalista e antigo negociante no Brazil.

N'estes tempos em que a mais espantosa dissolução corroe a sociedade, não respeitando sequer os vinculos sacratissimos da familia, são poucas as familias *patriarchaes* em Portugal, porem, mercê do Deus, ainda as ha: e uma d'ellas, e das mais distinctas, é aquella a que pertencia, como venerando chefe, o illustre morto. Conservam-se n'ella, em toda a sua pureza, as crenças e virtudes catholicas dos nossos antepassados; n'ella se encontra a mais perfeita união dos seus membros, esse carinhoso amor, essa doce subordinação, essa reciprocidade de affectos e dedicações, que são o formoso apanagio da familia christã.

Alli não se dá á educação a falsa e errada comprehensão hoje vulgar: instrucção mais ou menos superficial, distincção de porte e de maneiras, e dotes ou prendas agradaveis á sociedade; mas antes, tomando-se por norma aquelle preceito dos livros santos: «Buscae primeiro o reino dos ceos, e tudo o mais vos será dado por accrescimo», assentam-se como base inconcussa da educação a fé e a pratica da religião, a moral evangelica e os principios da honra, e sobre esses solidos alicerces se ergue o firme edificio, em que se não despreza o *util* e o *agradavel*, mas nunca lhes sacrificando o *necessario*.

Não bastaria isto para formar o elogio do patriarcha que Deus levou para si? Mas ainda não era tudo: to-

das as obras catholicas do Porto tinham no saudoso finado um decidido protector; a rainha das virtudes, a divina caridade, um fervoroso cultor.

E Deus premiou as suas virtudes, dando-lhe já n'este mundo, alem da paz dulcissima da consciencia, a felicidade compativel com a vida terrena: fecundou o seu honrado trabalho, pelo qual adquiriu a abastança; bafejou seus tres dignos filhos, que hoje se acham em excellentes posições commerciaes; por meio do casamento de sua virtuosissima filha, a exc.ª sr.ª D. Joanna C. Lima e Cunha, com seu bondoso e respeitavel irmão, o exc.º sr. Henrique José da Cunha, proporcionou-lhe essa numerosa e desvelada familia, na qual, desde os affectuosos conjuges até ao mais tenro dos encantadores netinhos, todos os cercavam de delicados carinhos, todos rivalizavam em provas de veneração e amor para com elle.

O que sobretudo é precioso para o christão, concedeu-lhe Nosso Senhor a morte do justo. Resignado durante a sua não longa molestia, fortalecido com todos os Sacramentos da Egreja, conservando quasi até ao derradeiro momento o uso da razão, a sua alma voou, apoz curta agonia entre os seus queridos, do desterro d'este mundo, para ir receber, n'outro melhor, o galardão das suas virtudes e piedade.

N'aquella casa não succede como em muitas outras, onde se tem horror a um cadaver, embora d'um ente amado, onde se incumbem talvez estranhos e mercenarios do cuidado de guardal-o; aquella christã familia, pondo de parte infundados terrores e vãs lamentações, reune-se em torno do esquife do seu parente estremecido, cerca-o de sinceras lagrimas e ferventes orações, e vela lhe piedosamente o ultimo somno sobre a terra. Foi o que fez para com o seu defuncto patriarcha até ao ultimo instante.

Só a religião dá valor e resignação para supportar estes dolorosos golpes, porque só ella lhes applica o balsamo consolador da esperanza; dizendo nos com sua voz celeste: «Esta separação é apenas momentanea; amanhã ireis,—está na vossa mão fazer por merecel-o,—juntar-vos com os vossos queridos ao pé do throno de Deus.» Para familias verdadeiramente christãs são inuteis os confortos humanos, porque os teem incomparaveis nas suas santas crenças. E' por isso que não offereço os meus á respeitavel familia dorida.

O illustre finado era assignante e amigo do «Progresso Catholico». Peço pois a todos os seus piedosos leitores

uma fervorosa oração pela sua alma, para abreviar a expiação que por ventura exijam, perante o Eterno, as suas fragilidades, pois que a ellas está subjeito todo o ser humano. *Requiescat in pace!*

Porto—maio de 1886.

A. Moreira Bello.

Estão de lucto dois assignantes e amigos do «Progresso Catholico», a exc.^{ma} snr.^a D. Maria José Cardoso de Lucena Araujo Coutinho, e o exm.^o snr. José Cardoso Ferraz Carneiro, pelo fallecimento do exc.^{mo} snr. José Cardoso de Lucena e Araujo Coutinho, irmão e pae d'estes dois nossos assignantes e amigos, a quem expressamos o nosso sentido pesar, pedindo a todos os leitores as orações costumadas por alma do fallecido.

RETROSPECTO DA QUINZENA

HSTIVERAM em Guimarães e fizeram-nos a honra da sua visita os Rev.^{mos} Snrs. Reitor, Manoel Pereira dos Santos, P.^o Manoel Joaquim Teixeira Alves, P.^o Manoel Gonçalves Pereira Junior, e o Exc.^{mo} Sar. Bráulio Lopes Freire de Gouvea.

Agradecemos muito as visitas e estimamos todos chegassem a casa livres de perigos.

Oração quotidiana durante o mez de junho para os associados do Coração de Jesus:

O' meu Jesus, eu vos offereço por meio do Coração immaculado de Maria, as orações, as obras e os soffrimentos d'este dia, em reparação das nossas offensas e por todas as outras intenções do vosso divino Coração.

Eu vol-as offereço, em particular, pelos Bispos do mundo catholico, afim de que façam crescer e fortificar cada vez mais, na caridade e verdade as almas, das quaes elles são paes e mestres. Amen.

A intenção geral do mez de julho será: — A REPARAÇÃO PELO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS.

Fomos mimoseados com mais uma Carta Pastoral do Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Augusto Eduardo Nunes, Arcebispo de Perga, e futuro successor do Arcebispo d'Evora. E' acerca do jubileu santo, concedido n'este anno por S. Santi-

dade o Papa Leão XIII, e n'ella indica S. Exc.^a Rev.^{ma} as instrucções para os fieis, bem poderem lucrar todas as graças que lhe são concedidas.

E' um primor de estylo esta Pastoral, como todas as que dita a robustissima intelligencia de tão illustrado Prelado. Agradecemos a S. Exc.^a Rev.^{ma} a valiosa offerta e fazemos votos ao céu pela vida e saude do digno Pastor do rebanho evorense, que é já uma das glorias do episcopado.

Por occasião da imponente festividade em honra do SS. Coração de Jesus, tivemos a felicidade de nos achar em Braga, e procuramos essa occasião para trepar á montanha santa e admirar a formosa estatua da Virgem ha pouco collocada na cuspide do monte. E' splendidamente bella, o admiravelmente borilada. Nossa alma rejubilou diante d'esse monumento venerando e saudou, de junto d'elle o povo que tão rapidamente o reerguera.

O Sameiro é um sitio que desperta a devoção e o enthusiasmo religioso como nenhum outro.

A bandeira que as damas bracarenses bordaram e offereceram ao Santissimo Coração de Jesus, e que era levada na procissão pelo muito reverendo Vigario Geral, dizem-nos custara só o ouro para o bordado reis 400,5000! E' riquissima e de um trabalho verdadeiramente bem acabado. Louvores lhe sejam dados.

Já aqui nos occupamos por vezes do notabilissimo pensamento da criação de um Monte-pio Ecclesiastico, e hoje é com o maior prazer que voltamos a occupar-nos de tal assumpto, fazendo nossas as seguintes linhas publicadas a tal respeito no *Lusitano* de 4 de febreiro:

«Mais uma vez voltamos a fallar n'este assumpto, que sempre temos considerado e consideramos ainda como do maximo interesse para a classe ecclesiastica, que tanto respeitamos e tanto desejamos ver elevada.

Não é porém para apresentar novas considerações em favor da nossa idéa, que tão benevolmente ha sido acolhida, que hoje nos occupamos d'ella novamente.

O nosso fim é outro.

Queremos declarar cheios do maior jubilo que está proximo da sua realisação o pensamento tão sympathico do monte-pio ecclesiastico, que todo o clero quasi sem excepção alguma abraçou com o maior contentamento.

Prevenimos pois os nossos respeitaveis assignantes e collegas para que se inscrevam na associação, que em breve terá os seus estatutos devidamente approvados.

O Exc.^{mo} Snr. Dr. Elviro, dignissimo secretario de Sua Eminencia, apenas tomou posse da presidencia da irmandade dos clerigos pobres, erecta n'esta cidade, pensou logo em estabelecer ao lado da irmandade o monte-pio.

Não esfria no seu enthusiasmo o meritissimo juiz da irmandade dos clerigos, e procura já elaborar uns estatutos, que muito breve pensa em sujeitar á approvação d'uma assembléa geral, que será convidada, logo que esteja inscripto um numero crescido de associados.

Não deseja o Snr. Dr. Elviro, e com toda a razão o não deseja, destruir a irmandade dos clerigos para fundar o monte-pio; quer pelo contrario que existam este e aquella ao lado um do outro. E assim deve ser.

A irmandade tem fins especiaes a cumprir, a que não pôde satisfazer nm monte-pio; tem além d'isso uma historia longa e notavel, que não pôde de forma alguma eclipsar-se.

Podem, porem, subsistir a irmandade e o monte-pio, considerando-se socios d'este os irmãos d'aquella e vice-versa.

Sómente se torna necessario que além dos estatutos especiaes que hão de regular o monte-pio, se modifiquem e reformem os estatutos por onde actualmente se governa a irmandade dos clerigos.

E é até conveniente para a vida intima da irmandade dos clerigos, que os seus estatutos se reformem, por que taes como estão nem para serem lidos prestam!!

Terminando esta breve noticia, mais uma vez convidamos os nossos collegas a darem os seus nomes para o monte-pio ecclesiastico, que prestes se vae fundar.

Contem todos que o monte-pio lhes ha de fornecer não só os soccorros e auxilios moraes, mas tambem soccorros materiaes, como dinheiro, medico e botica, em todas as occasiões que os hajam mister, tanto em casos de doença, como de suspensão.

Temos cumprido o nosso dever, e felicitamos o Snr. Dr. Elviro e tambem lhe dirigimos os nossos cordeaes agradecimentos pelo bem que vae fazer ao clero; só resta agora que os padres cumpram a sua obrigação. Se a não cumprirem, depois só terão de se queixar do seu descuido ou negligencia!

Voltaremos ainda ao assumpto.

Vae grande festa na capital da monarchia portugueza, e nos paços dos reis, pelo casamento do Principe Real D. Carlos com a Princeza Amelia de Orleans, filha dos condes de Pariz.

Dão-nos conta os jornaes diarios das illuminações deslumbrantes, das ceremonias religiosas, a que assistiram varios Prelados, e dos jantares e bailes no paço. Mensionamos os ricos vestidos que a Rainha e mais damas da corte encomendaram em Pariz, as joias de custoso preço que de lá vieram tambem, e até mo chegou a dar a grata noticia de que por causa das festas tinham sido empenhados na caixa do Monte Pio Geral objectos no valor de 900 contos!

Damos os parabens aos jovens principes, e com a felicidade d'elles, a patria pode gosar de melhores dias, que Deus, nosso Senhor os faça tão felizes, lhe conceda tantas venturas como de venturas carece o reino hoje em festa.

Não se fez esperar o castigo do céu sobre o capital de Hespanha, depois do attentado contra o Bispo de Madrid. Um terrivel cyclone passando por sobre Madrid no dia 12 do corrente sepultou em ruinas muitos edificios, morrendo mais de 50 pessoas, e ficando feridas mais de 500!

Foi uma catastrophe pasmosa, que atterrou toda a cidade, que obrigou a Rainha a abandonar os regios aposentados para ir levar consolações ás familias que ficaram sem lar, ás creanças que ficaram sem pae e sem pão.

E' a vingança do Senhor!

No escriptorio da nossa Revista foi entregue um convite da Associação Commercial, d'esta cidade, para a Redacção se fazer representar n'um jantar offerecido ao deputado por este circulo eleitoral, ás 7 horas da tarde, do dia 12 do corrente, no palacete da Ex.^{ma} Snr.^a Condessa de Villa Pouca.

A Redacção, composta de escriptores espalhados por varias terras do paiz não podia de fórma alguma comparecer, e nós, que em tudo a representamos aqui, tambem não podemos assistir, porque ás 7 horas da tarde não teria terminado ainda o exercicio do Mez de Maria, que se faz na capella de S. Francisco, e a que costumamos assistir, e a que não queriamos faltar.

Pedindo desculpa á respeitavel Associação Commercial, agradecemos em nosso nome e no de toda a Redacção a deferencia com que fomos honrados.

Esteve ha dias n'esta cidade, a Superiora Geral das Irmãs Hospitaleiras

portuguezas, em visita ás diversas casas onde residem varias Irmãs, partindo no dia 15 para Braga.

Compartilhamos das alegrias que todas as Irmãs experimentaram por terem a sua boa mãe espiritual entre si, durante alguns dias.

E' dia de festa quando uma tal visita recebem as Hospitaleiras das diversas terras, pois todas mostram o amor e a dedicação que tem por aquella, que, sem deixar de ser irmã de todas, é de todas a superiora.

Ha poucos dias tomou posse do cargo (grande cargo!) de grão-mestre da maçonaria portugueza, o Snr. Antonio Augusto d'Aguiar.

Ora este Antonio Augusto d'Aguiar foi ministro com o Snr. Fontes, no governo passado, é Conselheiro, professor, etc., etc.

Vejam'lá os nossos leitores como as cousas podem correr n'um paiz onde os ministros são mações e grão-mestres, ainda por cima, e como os Reis serão bem aconselhados, se os do seu conselho são membros da terrivel irm.!

E com esta noticia de *arromba*, fechamos a nossa revista.

Certo «Diario» maçonico de Badajoz tem copiado nas suas columnas um livreco intitulado — *A Maçonaria hespanhola no seculo XIX*, no qual se confunde Tertuliano com Plutarcho, e se afirma que a Maçonaria nada tem com a politica. Mas logo adiante acrescenta (talvez por esquecimento):

«Foi a Maçonaria quem revolucionou a Hespanha contra o despotismo do rei Fernando, e os nomes de Alcalá Galiano, Mendizabal, Quiroga e Riego viverão eternamente na historia da patria como nos annos da Maçonaria... O triumpho da liberdade se deve á Maçonaria.»

E' preciosa esta confissão. Mas já é sabido de todos que o liberalismo na Hespanha, e bem assim nas outras nações, foi ordido nos antros maçonicos. Tem-se isto levado á evidencia, e os proprios maçons o tem confessado muitas vezes.

J. de Freitas.



Aos que podem

Mais santo emprego não teve ainda nada do que se tem dado pela caridade.

Duas senhoras de Traz-os-Montes, com uma firme vocação para a vida religiosa, não podendo no seu paiz satisfazer aos desejos de seu coração, preteudem, longe da patria, cobrir-se com

o habito de Santa Thereza, e viver longe do bolicio do mundo.

Falta-lhe, porém, o bastante para satisfazer ás necessidades exigidas para a entrada na Ordem, e lembraram-se da caridade nunca desmentida dos assignantes do «Progresso Catholico».

Pedimos, pois, a todos os nossos amigos um pouco do que lhe sobre para juntarmos o bastante com que abrir as portas de um convento a duas desposadas de Jesus.

Sem sacrificio pôde o «Progresso Catholico» gloriar-se de contribuir para a profissão de duas senhoras portuguezas n'uma Ordem religiosa estrangeira, que serão talvez, (quem o duvida?) os alcerces com que mais tarde se estabeleceram algumas casas no nosso infeliz Portugal.

Entre os leitores da nossa Revista ha quem possa muito, e por tanto sem sacrificio tudo se alcançará, porque se cada assignante subscreveresse com 40 reis para esta obra pia, teriamos realiado os desejos das piedosas senhoras.

Venha qualquer quantia, que tudo recebemos, e iremos publicando por meio dos n.ºs que correspondem a cada assignante as quantias que formos recebendo, e depois publicaremos o recibo da quantia que entregarmos.

ESTÁ ABERTA A SUBSCRIPÇÃO

Transporte do n.º 13...	4\$500
Do assignante n.º 1682, de Guimarães.....	500
Do assignante n.º 3941, de Guimarães.....	500
Do assignante n.º 2687, de Abrantes.....	50
Do assignante n.º 2005, de Castello Branco.....	100
Enviado pelo assignante n.º 3267, da Covilhã, obtido de 5 assignantes do «Progresso Catholico».....	500
Promovido entre varios assignantes do «Progresso Catholico», e outras pessoas, pelo nosso amigo e assignante, o Ex. ^{mo} Snr. Bráulio Lopes Freire de Gouvêa.....	2\$800
Somma.....	8\$950

Continúa aberta a subscrição, e pedimos a todos os nossos amigos que, quando nos mandem qualquer quantia, juntem mais um pouquinho, que com um pouco, de todos, conseguiremos o nosso fim, e Deus nos recompensará.

Teixeira de Freitas.

